

Calazans volta a ser o favorito

Arquivo 30.03.87

O senador José Richa afirmou ontem a seus companheiros do conselho político do PSDB, que não quer, definitivamente, concorrer à vice-presidência da República na chapa de Mário Covas. No fim da tarde, o comando "tucano" reconhecia no ex-presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, o mais provável companheiro de chapa de Covas, a partir da resistência do senador Richa e da recusa de Roberto Magalhães em aceitar a vice, por pressão familiar.

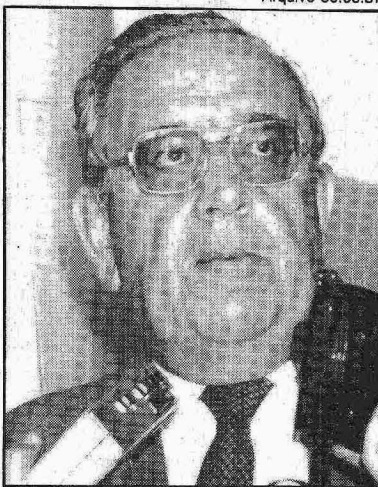
Ausentes o candidato Covas, o ex-governador Franco Montoro e o prefeito de Belo Horizonte, Pimental da Veiga, reuniram-se no comitê de campanha, com Richa, o senador Fernando Henrique Cardoso e os deputados Euclides Scalco, Egidio Ferreira Lima e Jayme Santana - que formam o conselho político do partido. A eles o senador Richa comunicou o que chamou de decisão: que continua na coordenação de campanha e não entra na chapa.

Diante da manifestação de Richa - e embora ainda não a considere definitiva, os integrantes do conselho político do PSDB continuaram a discutir os nomes de Camilo Calazans, da deputada Moema São Thiago (CE) e do ex-governador Roberto Magalhães.

Velho amigo

"Richa só não é unanimidade porque não quer ser candidato", garantiu o senador Mário Covas, ontem, descartando a hipótese de disputa na convenção nacional de sábado, em Belo Horizonte. A solução Richa impediria uma cisão no PSDB pernambucano - provocada pelo anúncio de uma possível composição com o ex-governador Roberto Magalhães - evita que os demais postulantes apresentem suas candidaturas aos convencionais.

O candidato do PSDB disse por várias vezes que preferia ter um vice do Nordeste ou de Minas Gerais



Calazans, o mais cotado

- pelo peso eleitoral destas regiões. Mas ontem, pela primeira vez, Covas admitiu que este é um critério teórico, nem sempre possível de ser alcançado. Por outro lado reiterou que o cargo tem de ser ocupado por um político afinado com o candidato. O perfil traçado por Covas cai como luva para o senador paraense. "Todos sabem que Richa tem identidade comigo. É meu amigo há anos", lembrou Covas. Aliás, desde que assumiram cadeiras no Senado, em 1987, Covas e Richa formam uma dobradinha indiscutível. Até seus gabinetes são interligados e, não raro, utilizam a mesma sala para despachos.

Covas não anuncia que Richa será seu vice, mas concorda que "se existe uma solução consensual, é desnecessário criar arestas dentro do partido".

—Eu não quero perder uma companhia de primeira hora como a deputada Cristina Tavares (PSDB-PE), que fundou o partido," afirmou Covas. Cristina anunciou que deixaria o PSDB caso o ex-governador de Pernambuco, Rober-

to Magalhães, fosse confirmado como vice. O candidato do PSDB tem declarado, com insistência, que não está disposto a fazer concessões de natureza eleitoral. A afirmativa vale também para a escolha do vice, o que, se não inviabiliza de todo, reduz as chances de Roberto Magalhães ex-PDS, ex-PFL e atualmente no PTR e que nunca teve ligações com o senador "tucano".

"Magalhães tem demonstrado simpatia com as teorias da social democracia", explicou Covas, sem desejar afastá-lo do processo. Ao mesmo tempo, o candidato "tucano" concorda que a escolha de Magalhães está longe de ser conciliadora.

Consensual

"Além disso, só uma candidatura do porte político de Richa evitaria uma disputa na convenção", lembrou o deputado Arthur da Távola (PSDB-RJ) hoje colocada entre quatro postulantes: o ex-presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, senador Teotônio Vilela Filho (AL), e as deputadas Moema São Thiago (CE) e Cristina Tavares (PE).

Calazans já anunciou que só entra no páreo se for indicado, abrindo mão para qualquer outro pretendente, mas continua em campanha. Dezenas de telegramas, vindos de todos os cantos do País, e rubricados por Associações de Funcionários do Banco do Brasil são descarregados diariamente no escritório de Covas, em São Paulo e em Brasília, clamando por Calazans. Teotônio já endossou apoio ao ex-presidente do Banco do Brasil, e Moema só retira seu nome da disputa para atender a uma solução consensual. A recente postulação de Cristina Tavares vem mais como uma provocação às ameaças de composição com o ex-governador Roberto Magalhães.